

Terra Brasilis

## Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

8 | 2017

Dossiê “5º Congresso Brasileiro de Geografia – 100 anos”

---

# Recursos teórico-metodológicos no estudo da história das instituições de pesquisa

*Theoretical-methodological resources in the study of the history of research institutions*

*Recursos teóricos y metodológicos en el estudio de la historia de las instituciones de investigación*

*Ressources théoriques et méthodologiques dans l'étude de l'histoire des institutions de recherche*

**Maria Inês Corrêa Marques**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2009>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2009

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Referência eletrónica

Maria Inês Corrêa Marques, « Recursos teórico-metodológicos no estudo da história das instituições de pesquisa », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 8 | 2017, posto online no dia 27 junho 2017, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2009> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.2009

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Recursos teórico-metodológicos no estudo da história das instituições de pesquisa

*Theoretical-methodological resources in the study of the history of research institutions*

*Recursos teóricos y metodológicos en el estudio de la historia de las instituciones de investigación*

*Ressources théoriques et méthodologiques dans l'étude de l'histoire des institutions de recherche*

**Maria Inês Corrêa Marques**

---

## Introdução

- 1 O presente trabalho foi produzido para o Seminário Comemorativo dos 100 anos do 5º Congresso Brasileiro de Geografia (1916-2016), no contexto da Mesa Redonda *Perspectivas de Estudos sobre a História da Geografia nas Instituições de Pesquisa e de Consolidação da Ciência Geográfica*. Na ocasião festiva, presencialmente, ressaltai a importância do evento por seu caráter e significado, o que torno a repetir neste artigo. Tratarei aqui de diferentes temas para a difusão de conhecimento sobre a pesquisa (auto)biográfica, focalizando a relação entre memória e história, para produzir um paradigma de história institucional, que reconheça e valorize a trajetória de vida institucional das pessoas.
- 2 A decisão de rememorar a história, está associada a pesquisa, o que vem fazendo o organizador do Seminário, professor André Nunes e seu grupo de pesquisadores. Eles descobriram pessoas, produções esquecidas e revelando a obra daqueles dois importantes geógrafos. Este seminário comemorativo, celebra as descobertas históricas e vislumbra ações futuras. O citado grupo se dedica ao estudo de pessoas que estiveram no seio de instituições, no centro da cena e da produção geográfica, e, paradoxalmente, são ilustres desconhecidas para geógrafos brasileiros da atualidade. Encontrar universitários se

dedicando ao estudo biográfico e a produção de conhecimentos históricos para aumentar o repositório de dados sobre o campo geográfico no Brasil, é muito louvável. São geógrafos fazendo história, produzindo pesquisa histórica e desvelando a formação do campo geográfico no Brasil.

- 3 Foi a tarefa recebida para este evento que me provocou a reencontrar minha tese, intitulada *UFBA na memória: 1946-2006* (Marques, 2010) que conta a história da Universidade Federal da Bahia (UFBA), do nascimento aos sessenta anos. Utilizei os marcos históricos oferecidos por narradores que viveram a instituição em três diferentes períodos históricos. A história institucional emergiu da pesquisa qualitativa e entrevistas narrativas, (Bauer e Gaskell, 2002) ela foi analisada na perspectiva benjaminiana, o narrador implicado, que conta a sua trajetória de vida, no contexto social, político, econômico, cultural. Produzi história da educação e encontrei a UFBA, instituição singular e modelo nacional.
- 4 Fazer a história institucional é encontrar a memória, acervos e pessoas, que darão vida à informação e que difundirão o conhecimento produzido. Para a história institucional selecionei os lugares e pessoas de memória, pesquisei arquivos em diferentes unidades, reuni diferentes fontes de pesquisa para reconhecer o projeto e a ação da Universidade ao longo de sessenta anos. Concluí que a história e a memória das instituições emergem a partir do entrecruzamento das lembranças pessoais, institucionais e de documentos históricos validadores.
- 5 A Universidade Federal da Bahia, comemora em 2016, setenta anos de existência. Durante a campanha comemorativa, divulgou-se pessoas que estudaram e trabalharam/trabalham na Universidade e que alcançaram projeção em diferentes espaços da sociedade, principalmente na mídia. Fiquei motivada a fazer esta abordagem, defendendo o lugar de memória das pessoas na instituição, não pelo seu grau de fama, mas, por serem parte dela.
- 6 Atualmente, se fosse dar sequência à pesquisa institucional começada com a tese, continuaria optando por trabalhar com as pessoas e suas histórias. A diferença residiria no referencial teórico metodológico que se ampliou com a utilização da pesquisa (auto)biográfica, narrativas de trajetórias de vida e narrativas de si. O método (auto)biográfico é muito apropriado para a pesquisa e construção da história institucional, porque oferece protocolos para a escuta de pessoas sobre seus conhecimentos e fazeres. Propicia a identificação do conhecimento tácito e aviva a memória coletiva. Ele permite destacar a singularidade do sujeito sem fazer generalizações e focando nas particularidades e subjetividades. O relato de vida, imerso em contexto geográfico, histórico, político, organizacional, tem a tarefa de auxiliar o entendimento de um contexto histórico social ou institucional. A pesquisa (auto)biográfica e o método (auto)biográfico geram conhecimento e inovação, conforme as extensas listas de produções da área registradas em diferentes grupos de pesquisa nacionais e internacionais.
- 7 Na sociedade globalizada a inovação, a criação e difusão de conhecimento estão em pauta. Para haver inovação, as instituições precisam da memória, liberdade de crítica, de criação e abertura para o compartilhamento. É possível tanto aprender com o passado quanto construir o futuro da instituição, da empresa, da organização. Neste sentido, vamos defender neste artigo a seguinte tese: *A pesquisa (auto) biográfica é um recurso teórico-metodológico que serve à recuperação da memória e história das instituições*. Serão tratados aspectos conceituais para reconhecer as dimensões do trabalho com as memórias institucionais, sociais, individuais. A pesquisa bibliográfica ofereceu as bases para a

construção deste artigo, que visa apresentar e difundir mais um caminho para se fazer a história da Geografia e instituições de pesquisa, passando pelas pessoas.

- 8 Instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, (1838) ou o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, (1894), enquanto centros de memória, fazem difusão das ciências, publicam, oportunizam pesquisas históricas e também precisam manter viva sua história. Os centros de memórias das instituições e empresas dão visibilidade e acesso aos dados, preservam, guardam, informações. Um acervo sem uso não gera conhecimento e recuperar as memórias das pessoas e suas narrativas e vivências institucionais oxigena as instituições.
- 9 O que pode aprender a instituição de pesquisa a partir de histórias e narrativas de vida? Primeiramente, aprender a olhar para o passado, para analisar o presente e projetar o futuro socialmente referenciado. Se deve partir para reconhecer os ideários fundacionais da instituição; recuperar objetivos, missão; encontrar o lugar das pessoas, identificar demandas de trabalho, sociais, políticas, econômicas levantar elementos para a construção de um projeto coletivo. No estudo de instituições de pesquisa é relevante considerar três grandes dimensões: a técnica, a organizacional e a social, que revelam o trânsito, o diálogo e interações entre pessoas em âmbito interno e externo.
- 10 Articular campos diferentes para produzir conhecimento multirreferenciado e inovador é tarefa dos centros de memória e das instituições de pesquisas que protegem e disponibilizam informações. Os dados inertes ganham vida quando há um propósito, conforme Jacques Le Goff (1994: 477): “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. Esta citação expressa minha compreensão sobre a memória e história. A memória é interpretação do vivido, com lacunas, oclusões, silêncios. Revela a singularidade do sujeito, aliando passado presente, fazendo história e remetendo a experiência para o futuro, enquanto conhecimento adquirido.
- 11 Os relatos de vida sobre processos de trabalho, de convivência, podem ter diferentes objetivos e resultados. No caso da referida tese, as narrativas dos reitores não visaram apresentar a pessoa na esfera pública, segundo seu prisma. Enfatizou-se o que eles foram capazes de fazer o que, como se avaliaram? Estas dimensões, entrecruzadas revelam indicadores, objetivos e subjetividades, dentro de cada história. Para diferentes finalidades, desde evidenciar a memória coletiva, a institucional, a inovação, ou, para recuperar a memória institucional, há que se considerar o tempo, em seus modos presente, passado e futuro, na perspectiva de Henry Bergson (1990: 113):

É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre (...) o momento em que falo já está distante de mim. (...) É preciso, portanto que o estado psicológico que chamo “meu presente” seja ao mesmo tempo uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato.
- 12 Promover o levantamento histórico pela via das narrativas (auto)biográficas pelo método (auto)biográfico, e seus recursos teórico-metodológicos para se fazer história das instituições de pesquisa, é uma perspectiva inovadora. Nas autobiografias, nas narrativas e histórias de vida, recupera-se o dado e a informação, transformando-os em conhecimento. Nas universidades, por exemplo, o gênero (auto)biográfico, está presente no cotidiano formativo e para progressão na carreira docente, alcançada por meio da produção de memoriais acadêmicos. É uma escrita de si, que permite revelar a história do

narrador, reconhecer sua atuação na sociedade, no seu tempo. Nas instituições de pesquisa as pessoas que as sustentam, em termos de produção científica, são aquelas que o método (auto)biográfico pode auxiliar a emergir.

## Dimensões teórico-metodológicas e conceituais da memória e história institucional

- 13 A conceituação é uma tarefa primordial do pesquisador. Quando se adentra a um campo de conhecimento, é preciso limitar, focalizar o que será estudado, analisado. Encontrei em Walter Benjamin (2007: 515) a imagem desse esforço:

Para o dialético, o que importa é ter o vento da história universal em suas velas. Pensar significa para ele: içar velas. O que é decisivo é como elas são posicionadas. As palavras são suas velas. O que é decisivo, é como elas são posicionadas. O modo como são dispostas transforma-as em conceitos.
- 14 Trabalhar na perspectiva teórico-metodológica do gênero narrativo ou das narrativas de si nos remete a um campo multidisciplinar, onde estão as organizações/instituições. Nelas estão as relações de produção e as interpessoais. É preciso diferenciar, informação de conhecimento, reconhecer as referências conceituais, apontadas em Burnham e Souza (2011: 251):

[A informação] pode ser considerada, em alguns momentos como dados que possuem relevância e propósito, e ainda, a matéria prima para a produção do conhecimento (...) este último é um conjunto de informações que caracteriza determinado saber sobre um tema. O conhecimento, é agrupado em dois tipos: tácito e explícito (...).
- 15 Vou afirmar ao longo desta seção, que a narrativa de si, permite, tanto recuperar informações, saberes como identificar os conhecimentos tácitos e explícitos. O tácito que emerge de contextos e formas de interação social específica, sendo de difícil codificação. Compreendo as pessoas como dínamos nas instituições, organizações e empreendimentos, os sujeitos imersos na memória coletiva possuidores de saberes explícitos e tácitos, que criam, inovam. O conhecimento explícito é codificável, uma vez transformado em informação, circula, para ser difundido, comercializado. Lage (2011: 303) analisou estes conhecimentos e afirmou, que o conhecimento tácito é “um conhecimento que possuímos, mas dificilmente somos capazes de articular estabelece-se em contraponto ao conhecimento explícito, formal, sistemático e facilmente comunicável”.
- 16 Considero que a memória acorda a história e o valor social da instituição, que se encontra na sua história. A dimensão da memória é multidisciplinar, nos relatos autobiográficos não interessa dar relevo aos eventos psicológicos particulares, o pesquisador deve buscar nos relatos, as continuidades e rupturas, avanços, retrocessos. As histórias de vida que tecem a história institucional, quando registradas acompanhando parâmetros teórico-metodológicos, tornam-se fontes históricas. O desenvolvimento humano no seu movimento dialético toma o passado para ajudar a construir o futuro.
- 17 A história oral embora não seja objeto deste trabalho, não pode ser desconsiderada quando a questão é fazer indicações de recursos teórico-metodológicos para pesquisa voltada para história de instituições. Com seus procedimentos técnicos e teorização, a modalidade de registro histórico ocupa-se das memórias das pessoas. Além de trabalhar com as histórias de vida, utiliza documentação escrita, transcrição do depoimento/entrevista/discurso e outros documentos que auxiliem à investigação histórica, como

fotografia, áudio, vídeo. O uso deste método permite ouvir experiências e reuni-las com dados outros para formar um entendimento de uma história comum. Conforme Magalhães e Santhiago (2015: 46), a história oral pode ser compreendida “como um poderoso método para acessar as múltiplas expressões de subjetividades localizadas em um tecido social”.

- 18 As práticas de pesquisa na história oral são semelhantes às do método (auto)biográfico. Em ambos, a modalidade de entrevista é estruturadora da investigação ou reconstrução histórica pretendida. Na entrevista não dirigida, o entrevistado pode falar de si como lhe aprouver, na modalidade da entrevista temática, o entrevistado falará de suas experiências mediante um tema disparador e comporta subjetivações. O método (auto)biográfico assumido neste trabalho, propicia a constituição de subjetividades, vez que, envolve história de vida de um narrador que busca contar fragmento de sua vida, buscando os sentidos da narrativa autobiográfica.
- 19 Em torno das lembranças do entrevistado, articulam-se as questões que o pesquisador analisa em conformidade com sua problematização e objetivos. Registrar a narrativa de alguém, sobre determinado fazer, ocupação ou sobre a instituição, é complexo. Uma ação ainda mais complexa é dar tratamento aos dados advindos da narrativa. No discurso estão as impressões sobre pessoas, as denúncias, questões polêmicas que aparecem e não podem ser descartadas. O pesquisador deve considerar todas as particularidades e analisar tudo com muito cuidado para não ferir suscetibilidades e utilizar o que se adequa ao seu objeto. A subjetividade no âmbito da narrativa não é menor e deixou de ser um problema para ser uma virtude. Para Magalhães e Santhiago (2015: 46):

Por muito tempo, a subjetividade – compreendida de maneira simplista como o mundo interno de um indivíduo – foi vista como uma das principais fraquezas da história oral. Afirmava-se que, por captar as perspectivas dos sujeitos, ela seria volátil, falha, tendenciosa, provisória, limitada. Porém, conforme a reflexão teórica a se respeito se sofisticou, a história oral passou a cavar seu ponto forte exatamente naquilo que seria uma fragilidade. Assumiu-se que, ladeando as mentalidades e sensibilidades, ela levaria para o centro da cena a experiência e a subjetividade humanas. Em vez de extirpar a subjetividade de nossos materiais, deveríamos compreendê-la como algo inerente ao processo de pesquisa, rico em suas particularidades e potencialidades.
- 20 A história oral e seus postulados, que legitimam a voz do entrevistado, é um dos importantes recursos para a produção da pesquisa sobre trajetórias de vida. O historiador entra em contato com as emoções do narrador, com suas hesitações, reconstruções de um passado, que somente a leitura dos documentos não permitiria. A história oral, está voltada para o que o narrador testemunhou, do que participou, protagonizou. São experiências tornadas narrativas de si e de terceiros. Se em determinada altura da coleta for importante incluir outros tipos de dados que não só a narrativa, tais como documentos, rituais, o método comporta.
- 21 Na reconstituição do passado pela lente do narrador, revela sua perspectiva histórica e seus conhecimentos, ou, a falta deles. No método (auto) biográfico, esta é uma riqueza e não um problema, ele reconhece as tensões pessoais e as macroestruturais que emergem da subjetividade. Conforme Magalhães e Santhiago (2015: 36), “as lembranças são construções sobre os fatos vividos, e não o próprio fato. (...) uma pessoa, inclusive, pode elaborar relatos diferentes a respeito de sua vida ou de um determinado acontecimento, de acordo com o momento e as circunstâncias da rememoração, no presente”.

- 22 Ao analisar a memória dos que narram, se deve considerar as relações de poder, o lugar, o território onde habitam/trabalham. O pesquisador deve escolher narradores que sejam qualificados e significativos para o enfoque e/ou problemática histórica em estudo.
- 23 Para Bakhtin (1992: 168), o discurso do sujeito que narra sobre si está povoado de outras vozes incorporadas. O narrador não está sozinho no mundo, razão pela qual o discurso é contextualizado, polifônico e revela a intertextualidade contida na memória. A narrativa de si passa pela narrativa dos outros sobre nós, principalmente, quando se trata das histórias dos anos iniciais da infância. A entrevista, primordialmente, o memorial são fontes de estudos no método (auto) biográfico e do gênero autobiográfico.
- 24 A narrativa autobiográfica obedece a um gênero discursivo pelo qual o narrador se orienta ao organizar o pensamento para relatar sobre sua vida, segundo uma polilógica nos termos da fenomenologia própria e apropriada, de Dante Galeffi (2001). Esta proposição filosófica-attitudinal, envolve a análise de uma questão por diferentes lógicas, gerando autonomia que incide na autoria, afinal, o narrador é o historiador da sua história, da vivida e da contada. Nesta perspectiva, é possível dizer que a atitude do narrador é autoral, alguém que fala de si, de modo próprio e apropriado, a partir de diferentes lugares, territórios de saber e poder. A polilógica que reconhece a existência maciça de códigos sociais e historicamente demarcados, em cada um dos nossos atos comunicativos. No processo de narrar, existe a possibilidade de compreendermos a nós mesmos, de sermos nós mesmos. Para sustentar esta proposição, recorro a Merleau-Ponty (apud Galeffi, 2001: 303):
- A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta “profundidade” quanto um tratado de filosofia. Nós tomamos em nossas mãos o nosso destino, tornamo-nos responsáveis, pela reflexão, por nossa história, mas também graças a uma decisão em que empenhamos nossa vida, e nos dois casos trata-se de um ato violento que se verifica exercendo-se.
- 25 Se focalizarmos a narrativa apenas como gênero discursivo, sem aprofundamento multidisciplinar, ainda é possível dizer da sua enorme complexidade. A experiência narrativa é inerente ao processo de socialização da espécie. Para narrar é necessário encontrar a ordem do discurso, os nexos, continuidade, coerência entre o vivido e o contado, eger marcadores históricos individuais ou coletivos. Ao tempo em que conta, o narrador é protagonista, se justifica e se projeta para o futuro. Essa memória lembrada e narrada é individual e está imersa no contexto comunitário. Para Halbwachs (1990), as recordações são estruturadas em grupo, como por exemplo, as da infância, do contexto familiar, escolar, vizinhança, mais tarde grupos de estudo, trabalho, dentre outros.
- 26 Memória é trabalho de reativação permanente dos repositórios de imagens, experiências e emoções. Deste modo, não considero apropriada utilização do termo resgate para se referir ao ato de recordar a história ou uma prática da tradição que foi esquecida. Não resgatamos a história porque, ao rememorar não ela não revive o momento passado. O fato lembrado, reconstrói-se, reelabora-se. O narrador tanto pode sublimar determinados aspectos no ato de rememoração como pode superestimar. Deste modo, é possível afirmar que autobiografia é a auto-organização das experiências, dando-lhes sentido. Ao contar, aparecem reflexões, novas atitudes do narrador diante dos acontecimentos rememorados. Memória, indivíduo e grupos sociais, são inseparáveis e guardam afetividades e idiosincrasias que incidirão no ato de narrar.

- 27 As memórias são de origem pessoal, privada e ganham uma roupagem nova na hora de ser revelada ao público, passando por filtros, seleções. O narrador determina o que transitará do passado para o presente a memória é seletiva diante do lembrar e o esquecer. É próprio da humanidade esquecer, lembrar e recriar o passado, as lembranças pessoais são fontes de recuperação de si e de processos históricos e culturais. Para os quilombolas e povos ágrafos, por exemplo, as recordações dos mais velhos são primordiais para o contexto sociocultural, porque eles conhecem a história, os processos de produção específicos, formas de cura e cultivo. A narrativa revela a mentalidade de uma época, os hábitos e tradições e será sempre filtrada, recriada por aquele que conta.
- 28 Jorge Luiz Borges (1944), no conto *Funes o memorioso*, mostrou que o fato de não esquecer produz dramáticas consequências e de como a memória pode se transformar em um pesado fardo a carregar. A questão não é acumular memórias como fazia Funes, mas selecioná-las, diferenciando-as, analisando-as, cotejando-as com o presente. Existe uma relação direta entre lembrar e esquecer. Fisiologicamente falando precisamos esquecer para lembrar e para acessar o novo. Ao longo da vida se descarta muito mais lembranças do que se guarda. Mecanismos psicológicos selecionam o que lembrar e levar para o futuro. Na luta contra o esquecimento, travada pelos povos ágrafos a repetição de práticas e ritos são fundamentais para a sustentação das instituições, dos valores e tradições.
- 29 Da relação entre cultura e memória surgem os filtros que definem o que será descartado ou continuará sendo vivenciado pelo indivíduo e pelo coletivo. A memória foi quem trouxe a humanidade até este tempo e, em todas as eras foi imperativo recordar o passado, registrando-o de algum modo e produzindo a memória social. A memória individual é povoada pelas memórias coletivas e pelos fatos eleitos como memoráveis, coletiva e individualmente. Este estudo, aborda as possibilidades de produção da história institucional apoiada na pesquisa (auto)biográfica, histórias individuais, coletadas por meio de narrativas de si, aspirando a construção de uma memória compartilhada.
- 30 Conceitualmente a memória é definida como a capacidade de armazenar dados no sistema nervoso e com eles produzir efeitos em si e no coletivo, características que permitem as permanências, rupturas, tradições, celebrações. A seleção das lembranças e esquecimentos, inevitavelmente acontecerá, quer seja feita pelo indivíduo ou pelo coletivo. Para este estudo resalto o papel de sua utilização para a consolidação de instituições/organizações, lembrar dos indivíduos e suas memórias pode ter efeitos surpreendentes, que vão da elevação da autoestima ao aumento de produção/ produtividade. As grandes empresas nacionais possuem centros de memória e políticas de gestão para a valorização pela memória.
- 31 As pesquisas que o grupo de pesquisa de André Nunes de Sousa realiza sobre os geógrafos baianos, terá desdobramentos futuros da maior relevância, pois as atuais gerações não os conhecem. O esquecimento a que os dois foram relegados é indício vigoroso das hegemonias e ideologias do campo geográfico. Neste contexto, não nos esqueçamos de Foucault (1985), que nos alertou da presença do poder em todas as esferas da vida em sociedade e que a disputa entre o lembrar e o esquecer é real. Vez por outra, alguém nos diz, “o Brasil é um país sem memória”. Recentemente descobri que esta expressão é usada em vários países latino-americanos. A origem colonial comum, talvez explique a amnésia coletiva, a memória guardada na metrópole, com leis inventadas ao bel prazer do senhor de terras, que era o juiz de suas causas e usava a pólvora para arquivar os descontentes. Esquecer tem sido a recomendação dos que estão no poder, pois assim podem controlar e comandar a massa, que não lembra, ou, não quer lembrar.

- 32 Na memória, aparentemente tão subjetiva e individual, existe a disputa de poder no coletivo. São as relações de força entre grupos hegemônicos que determinarão o que será lembrado ou esquecido. Coletiva ou individualmente, existe uma disputa de poder para definir o regime de lembrança e esquecimento nas instituições. A forma de conceber o passado, de interpretar determinadas lembranças e atribuir significados, afeta tanto o indivíduo como a instituição. Mas, é no presente, que a memória evocada se precipita e serve à aprendizagem, interpretação, projeção do futuro.
- 33 As memórias são construções sociais, de determinados grupos que determinam o que lembrar e o esquecer e onde depositar as memórias. Existem, *lugares de memória*, assim definidos por Pierre Nora (apud Le Goff, 1994: 473):
- Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem a memória.
- 34 Nos lugares topográficos ou simbólicos estão os produtores da memória coletiva. A memória institucional é permeada por atividades complexas e a decisão quanto ao tipo de método a ser utilizado, dependerá das práticas da organização, suas características e finalidades. Por exemplo, nas instituições de ensino superior, existe uma prática corrente que é a apresentação de memoriais em concursos e progressões funcionais. Pesquisadores têm se dedicado à pesquisa autobiográfica realizando análise dos memoriais. A trajetória da pessoa dentro da instituição é um rico material ao qual estudiosos de todo mundo estão voltando sua atenção. Conforme Câmara e Passeggi (2013: 31):
- Admitimos que em cada memorial encontraremos uma articulação dialética entre o indivíduo e a instituição (...). Dessa interação decorrem as potencialidades dessa escrita como fonte de pesquisa, tanto para a história das práticas de formação e de inserção profissional de intelectuais no seio do ensino superior brasileiro e de seu papel na construção dessa história quanto para os estudos linguísticos em torno do gênero autobiográfico, no que concerne às relações entre as práticas de escrita e a cultura universitária no Brasil, assim como para as operações de linguagem implicadas no ato de biografização.
- 35 A produção sobre o gênero autobiográfico tem crescido muito e observa-se um intenso compartilhamento dos resultados de pesquisas no ambiente educacional. A produção de conhecimento gerado a partir das narrativas de si, por meio de memoriais ou entrevistas, exploradas tanto pelo método da história oral quanto pelo (auto)biográfico, objetiva a preservação da história e da memória institucional, em todos os casos.
- 36 Os pesquisadores sobre o ambiente institucional reconhecem a memória como um dos elementos centrais para o funcionamento das mesmas. A trajetória de vida da instituição caminha lado a lado com aqueles que a sustentam. É preciso que estas reconheçam a memória institucional como reflexo das trajetórias de ambos. O membro da organização, o trabalhador, não se perceberá parte, se isto não for explicitado. Este entendimento sobre o lugar do trabalhador, do membro da organização deve ser explicitado, ocupando lugar entre os valores e da missão. Pois, como já foi dito, são as relações de poder que determinarão o que será lembrado ou esquecido, que definirão o regime de lembrança e/ou de esquecimento.

## O método (auto)biográfico: dimensões metodológicas e epistemológicas

- 37 A pesquisa (auto)biográfica está no contexto da investigação qualitativa e é produzida tendo como um dos principais elementos as narrativas de si. O enfoque biográfico-narrativo, tem os seus fundamentos epistemológicos e desenvolvimento metodológico. Apresentei na seção anterior algumas das relações do método (auto)biográfico com conceitos e outras possibilidades de enfoques de pesquisa. Ele permite a construção do conhecimento, seja em âmbito educacional ou no contexto institucional/organizacional. As explicações para justificar a expansão do método e das abordagens (auto)biográficas podem ter relações com a globalização que tem gerado a necessidade crescente do indivíduo ser reconhecido como singular. O que confere singularidade ao sujeito é o modo de viver, como atua nas organizações, o que faz de sua vida. É isto que o método (auto)biográfico valoriza e tem se revelado uma importante ferramenta para a investigação das mudanças comportamentais, sociais e para o reconhecimento das inquietudes pessoais e institucionais.
- 38 O método (auto)biográfico vem ganhando visibilidade e está ficando cada vez mais claro que ele é multidisciplinar, polilógico e multirreferencial. A construção e reconstrução das histórias pessoais, a experiência vivida, dentro de uma determinada realidade, são suas demarcações para ser tornar acontecimento de pesquisa. A investigação (auto)biográfica dá relevância ao discurso da pessoa que analisa suas próprias condições, suas limitações e narra sua trajetória de vida, tanto para atender ao investigador narrativo, quanto para a auto compreensão de sua trajetória de vida. As fontes de pesquisa são as narrativas e estas podem envolver relatos de vida, memoriais, fotografias, vídeos, coleções, história oral, documentos. Este manancial de possibilidades do método revela suas múltiplas entradas e o modo integrado de investigar a história da pessoa e as possibilidades dela ganhar com o processo, isto porque, ao elaborar suas lembranças propicia, por exemplo, o autoconhecimento. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador trabalha com materiais concretos e com as subjetividades e emoções.
- 39 Estes elementos que coexistem na narrativa podem fornecer dados que permitam generalizações sobre as trajetórias considerando suas ações, o fato e o tempo histórico. A metodologia da pesquisa autobiográfica considera o indivíduo e as histórias contadas com começo, meio e fim, um discurso ordenado. O pesquisador buscará a relevância do discurso individual e o converterá em conhecimento social. A narrativa tanto revela a experiência quanto expressa sentimentos e subjetividades antes renegadas pela ciência.
- 40 Antônio Bolívar (2012) analisou as premissas epistemológicas do conhecimento biográfico e identificou problemas metodológicos. Afirmou que um deles é a relação entre o narrador/biógrafo com as estruturas sociais e profissionais donde está inscrita a sua narrativa. Para o autor, a história de vida está imersa na vida em sociedade em microcosmos que devem ser contextualizados, para não limitar o pesquisador à visão de quem narra. Depois da análise de seu trabalho, tive respostas para antigas perguntas. Se o relato é singular, como generalizá-lo? Este é um falso problema, não é isto que interessa à pesquisa (auto)biográfica, ela procura reconhecer e valorizar o que é particular, que permita ao indivíduo fazer uma narrativa de si própria e apropriada. O fato de se chegar a um resultado não generalizável afetaria a condição científica da pesquisa? Não,

absolutamente, é também um falso problema, o método em tela é qualitativo, a pesquisa é qualitativa, portanto, julga-se a questão da investigação por outros critérios e não compromete a confiabilidade do fazer investigativo (auto)biográfico.

- 41 O investigador deve cuidar do seu lastro teórico, das evidências da credibilidade e coerência interna da sua narrativa relatando, analisando os resultados da investigação. A produção dos relatos deve permitir a identificação de aspectos que permitam estabelecer relações com a história social, institucional, aumento o raio de ação da reflexão, é por aí que ela ganha força interpretativa. É necessário um grupo de entrevistados para conseguir identificar as macro e micro demarcações dos acontecimentos históricos que são eixos narrativos. A corrente teórica, a área do conhecimento a qual o pesquisador estela vinculado determina interpretações e procedimentos de análise próprios. Se o pesquisador é oriundo da área de Letras, pode ser que seu interesse seja análise e compreensão do texto gênero narrativo (auto)biográfico, se for um historiador, quer encontrar fatos históricos que se repitam, ou que se diferenciem.
- 42 Um investigador biográfico busca coerência e coesão na narrativa do sujeito investigado e procura proceder assim no seu relato de pesquisa. Ele precisa traduzir suas reflexões em palavras construindo sua linha argumentativa e/ou ação interventiva. Deve estabelecer relação passado-presente, para articular histórias individuais, societárias, institucionais e encontrar um problema, razões para desenvolver o estudo. O método (auto)biográfico, com seus objetivos, por meio de entrevistas, memoriais, narrativas, ou outras fontes, intenciona contribuir para a construção de uma narração histórica, integrando presente, passado e futuro, sobre o tema estudado. Por meio do trabalho deste segmento de pesquisa, um tempo passado, vivido, narrado é retomado para ganhar novo sentido, para ser reinterpretado.
- 43 A metodologia de pesquisa (auto)biográfica, não se limita a coletar histórias de vida narradas de forma ordenada. Ela se propõe a reconhecer, e valorizar, o lugar de quem fala porque viveu a experiência e tem conhecimentos a revelar, não é uma simples narrativa, é memória. O investigador também participa da elaboração dessas memórias quando faz suas escolhas, ou sinaliza temas, abordagens, o diálogo caracteriza o processo investigativo (auto)biográfico. As vidas e trajetórias profissionais ganham relevância quando, em diálogo, pesquisador e entrevistado encontram o sentido dos processos narrados e rompem o silêncio, revelando percursos, problemas e aprendizagens.
- 44 Outro ponto importante da metodologia é sua contribuição para combater dicotomias existentes na análise biográfica convencional, como a que separa os personagens dos âmbitos sociais nos quais se inserem. Conforme Kaufmann (2004: 44):
- O indivíduo é, ele próprio, matéria social, um fragmento da sociedade da sua época, quotidianamente fabricado pelo contexto em que participa, incluindo nos seus recônditos mais pessoais(...). O indivíduo é feito de matéria social, ele não é uma pura consciência (e ainda menos puramente racional) à margem da história e separada de seu contexto.
- 45 A utilização do método (auto)biográfico, não pode deixar de considerar os aspectos ressaltados na citação acima, há que se separar a identidade individual da coletiva, mas, não se deve esquecer de que ser/falar de si mesmo, sozinho, é impossível. Outra crítica feita ao método em foco, é a falta de objetividade na análise, o que é um equívoco porque o método possui especificidades heurísticas. Para o autor, a investigação em ciências humanas ganhou uma aparência mais aberta e dinâmica com o método.

- 46 A pesquisa biográfica possui projeto epistemológico e perspectivas metodológicas próprias, para Delory-Momberger (2012: 71-73):

O objeto da pesquisa biográfica é o de explorar os processos de gênese e de vir-a-ser dos indivíduos num espaço social, mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e acontecimentos de sua existência (...). Nesta interface do individual e do social que só existem um pelo outro, e que estão num processo incessante de produção recíproca, o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em dar conta da relação singular que o indivíduo mantém por sua atividade biográfica com o mundo histórico e social e no estudo das formas construídas que ele dá à sua experiência. (...) [A] pesquisa biográfica teria, assim, por tarefa compreender como “o caminhante constrói a paisagem”, mas, da mesma forma também – visto que é a mesma coisa – como “a paisagem constrói o caminhante”, em outras palavras, como o indivíduo no decurso de suas experiências no tempo, ao mesmo tempo que produz em si mesmo e fora de si mesmo o espaço social, que se constitui a si mesmo como indivíduo singular.

- 47 A autora ressalta que, como todos protocolos metodológicos este método também tem potência e limitações. É inegável a expansão do campo teórico e metodológico da (auto)biografia, principalmente nas instituições educacionais, porém, ainda há necessidade de continuar explorando seus limites e possibilidades, como fonte de pesquisa e dispositivo formativo.

- 48 O método de (auto)biográfico, utiliza fontes de duas ordens: as primárias, que são as narrativas (auto)biográficas, entrevistas; e as secundárias reúnem documentos, fotos, jornais, dentre outros. A narrativa de si e a atividade biográfica, estão em alta e se reconhece que, “a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos (...) que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito ” (Benjamin, 1985: 220). Nesta obra, o filósofo chamou a atenção para o fim da arte de narrar. Nas narrativas, existe a fala de quem viveu a experiência, que é capaz de fazer crítica do passado e se autoriza na construção de um futuro em permanentemente instável e caótico.

- 49 Existem inúmeras abordagens e usos para as biografias, quero destacar a geo(bio)grafia, conceito criado pelos autores Portugal e Souza (2013) que considera as falas que emanam de um lugar no espaço, tornando este dado significativo. Não é apenas uma geolocalização do discurso biográfico, como explicitam Portugal e Souza (2013: 209):

À medida que o sujeito se apropria e se relaciona com o espaço, torna esse espaço um lugar e confere sentido à narrativa, através da manifestação dos sentimentos – identidade e pertencimento – que delinham o elo entre o sujeito e o seu lugar de origem, de vivências de narração.

- 50 Para Portugal e Souza (2013) a pesquisa sobre histórias de vida, neste caso, com professores de Geografia, ancora-se nos princípios do método biográfico e a consideram relevante para a educação, para a sociedade e mundo do trabalho. Eu utilizo e defendo método (auto)biográfico, grafando a palavra separada por parênteses, cuja construção não é minha, mas interpreto que as separatrizes visam realçar as ações concomitantes: o pesquisador que trabalha com uma narrativa biográfica, a recebeu de alguém que se autobiografou. O pesquisador recorta, analisa e faz uma nova narrativa em que estará a pessoa biografada e ele próprio. As técnicas a serem utilizadas na investigação dependerão dos objetivos do pesquisador, há muita flexibilidade.

- 51 Defendi o uso das narrativas, obtidas pela escrita de si, por meio de entrevistas, de abordagem livre ou dirigida, contemplando os objetivos do pesquisador. Durante a

exposição no evento e no presente texto, defendi a utilização destes recursos teórico-metodológicos no estudo de pessoas nas instituições de pesquisa. Ressaltei que a pesquisa (auto)biográfica, realizada com o auxílio do método (auto)biográfico, tem inúmeras aplicações e vantagens finalidades várias. Aqui estão os títulos de três trabalhos apresentados no II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica (Curitiba, 2013) que podem permitir um vislumbre da abertura polilógica do método e das pesquisas no campo (auto)biográfico: *Amnésia de identidades, o cinema brasileiro e as narrativas de povo* (Amorim, 2006); *Nas escrituras do sujeito-professor: confissões de si; Escritas de si: resistência e defesa*. (Eckert-Hoff, 2006). *Complexidade e narrativas da tradição: a arte de fazer rir da calunqueira Maria Iêda de Medeiros, Dadi* (Cavalcanti e Pereira, 2006).

- 52 O enfoque biográfico-narrativo como recurso teórico-metodológico também foi por mim defendido, ele configura um modo próprio de investigar e atende aos princípios gerais da pesquisa qualitativa, ele é pesquisa e autoria ao mesmo tempo, pois narrador e entrevistado interagem. O desenho da investigação segundo Bolívar (2012: 81) segue quatro orientações metodológicas: 1) o pesquisador escolhe o tema e o potencial narrador, o projeto tem que ser negociado e aceito; 2) são realizadas entrevistas registradas, em áudio ou outra mídia, que serão transcritas na íntegra; 3) avaliação e investigação sobre as narrativas obtidas nas entrevistas; 4- produção de um relatório de pesquisa. Para proceder esta análise, o investigador deve realizar um processo complexo e reflexivo que permita a utilização das narrativas, respondendo aos objetivos da pesquisa.
- 53 Procurei deixar explícita a complexidade da memória e da história institucional. A memória é dual, individual e coletiva, é guardada por um indivíduo, que teve experiências coletivas, no seu grupo social, que deixaram suas impressões e geraram mudanças. A memória coletiva é formada pelos fatos históricos, pelas lembranças e tradições, guardada como memória oficial, definida pelos que estão no poder. Os lugares da memória guardam o passado coletivo, enquanto lugares topográficos ou simbólicos e de poder. Foram apresentadas alternativas metodológicas para a história das instituições de pesquisa, com centralidade nas pessoas. O conhecimento científico positivista, modelado para ser validado mediante generalização, se choca com o paradigma autobiográfico, que dá centralidade ao sujeito, ao singular, às suas narrativas de si, para gerar inovação pela subjetividade.
- 54 Esta síntese polilógica, sobre pesquisa produzida com o método (auto) biográfico me ofereceu a oportunidade de conseguir investigar seus desdobramentos para a instituição. Segundo Lage (2011) só é possível criar novo conhecimento organizacional se o conhecimento tácito e pessoal for acessado. A chave para a construção do conhecimento novo e a inovação é o compromisso do indivíduo, que emerge com mais facilidade quando ele é reconhecido, valorizado institucionalmente. Estes princípios têm regido a gestão do conhecimento em empresas de sucesso e tem conseguido muita difusão. No caso, estamos tratando de instituições de pesquisa, ainda assim, é possível reconhecer seu potencial para a criação e inovação, se aplicado.
- 55 Eu vivenciei um fenômeno de lembrança e esquecimento, que me causou espanto. Foi o que me aconteceu quando descobri, por meio de André Nunes de Sousa, a obra de Bernardino José de Souza e de sua profunda ligação com a construção no campo geográfico. Ele fez um trabalho fundacional e, paradoxalmente, pelo movimento dos micro e macro poderes, acabou esquecido. A história pessoal do geógrafo secular não está apartada da sua vida acadêmica política e social; falar dele é lembrar o contexto secular, as bases da Geografia do Século XX. Estar nesta Casa de História e Geografia, plena de

memórias, documentos, histórias foi uma oportunidade de ouro e agradeço a rica experiência que tive com os meus colegas de mesa redonda: Pedro de Almeida Vasconcelos (UFBA); Sergio Nunes Pereira (UFF); Wendel Henrique Baumgartner (UFBA) e o Coordenador do evento, André Nunes de Sousa (IFBA) que apresentou seu grupo de pesquisa. Se fosse para aplicar o método, convidaria todos eles para serem meus narradores sobre as abordagens brilhantes que fizeram, de uma riqueza incomensurável, indescritível.

## Entrelaçando os fios da conclusão

- 56 Para este evento fomos instados a formular resposta para a questão: que recursos teórico-metodológicos utilizar para fazer a história das instituições e contribuir para novas formulações? Em resposta, poderia ter apresentado a pesquisa histórica como recurso teórico-metodológico no estudo das instituições, não haveria novidade. O método (auto)biográfico, incorporou os protocolos da pesquisa histórica, da história oral, de análise textual e é um radical livre para gerar novos processos de investigar a pessoa, o grupo, a instituição, a organização. O método é versátil na reunião de técnicas para desenvolver a pesquisa. Todos nós respondemos à pergunta por um caminho e atuamos para a difusão do conhecimento e a valorização de espaços de divulgação científica como este.
- 57 Em direção à conclusão, reconheço uma multiplicidade de referenciais teóricos para promover, restaurar a história de uma instituição. Escolhi a via da memória e da história de pessoas que fazem a instituição. Busquei reunir elementos para defender que a *pesquisa (auto)biográfica é um recurso teórico-metodológico que serve à recuperação da memória e história das instituições*. Pelos argumentos e referenciais teóricos levantados é possível dizer que este modelo de investigação valoriza os membros da instituição, vez que, sua narrativa é tomada como referência para análise ou intervenção. Este fato nos remete à possibilidade de descobrir conhecimentos tácitos, práticas coletivas e somar dados, pessoas para a inovação institucional ou para criação de novos produtos.
- 58 Entendo que as memórias pessoais vivificam arquivos, repositórios e centros de documentação, auxiliam na identificação de missões e afirmação de objetivos institucionais, alimentam a estima por seu local e tipo de trabalho. Portanto, reitero a tese: é possível usar o método (auto) biográfico para recuperar a história e memória das instituições. No caso da pesquisa histórica, que decidi não abordar, sem que por isto seja menos importante. Vide o trabalho do André Nunes, que mostrou sua potência. No caso da pesquisa (auto)biográfica, há sinais de trabalhos envolvendo a narrativa na área da Geografia. Não estou apresentando a novidade absoluta para o campo geográfico. Vim fazer a difusão do conhecimento do método e tipo de pesquisa que consideram as pessoas de uma instituição.
- 59 O que podem oferecer os recursos teórico-metodológicos, defendidos aqui, para a história das instituições? Quais os efeitos do método (auto)biográfico? Respondo que ele possui características próprias e trata das trajetórias de vida pessoais ou profissionais. Ele valoriza o ritmo das vidas que se entrelaçam com a instituição, com a profissão e busca meios e modos de revelar isto. A diferença entre a pesquisa positivista e a (auto)biográfica é grande, esta última dá centralidade ao sujeito, reconhece as subjetividades e admite o diálogo com do pesquisador com o entrevistado. Já a primeira, quer saber onde estão as provas da verdade, do fato.

- 60 Os recursos metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, são novos dispositivos para acolher as experiências subjetivas que têm lugar no mundo contemporâneo. Ela serve à recuperação da memória e história das instituições porque suas intenções visam revelar as ações dos homens sobre o território, nas organizações, na natureza. Os eixos que orientam a pesquisa na instituição deverão corresponder aos interesses dos envolvidos e só então serão definidas as demais etapas do processo de pesquisa. Os espaços de pesquisa são todos, desde que haja o narrador. A narrativa autobiográfica embasada no método (auto)biográfico, enfatiza as histórias de vida, situações, episódios significativos, conforme a avaliação do narrador.
- 61 Existem memórias ocultas de grupos que sofreram opressões, que foram impedidos de repassar livremente suas memórias às novas gerações. Elas só têm lugar de expressão se evocadas pelo método (auto)biográfico, com seus recursos metodológicos, cria as condições para as memórias emergirem e serem devidamente registradas. As narrativas relatam experiências, a realidade em determinado tempo histórico, tensões, conflitos e tudo isto sairá como discurso do narrador. Elas têm potencial educativo, primeiramente para o narrador, que ao elaborar o discurso, focaliza a si próprio. Elas informam sobre dados, personagens e imagens, fazem descrições minuciosas e podem servir de preparação para grandes problemas e enfrentamentos. Recuperar experiências pelas narrativas sempre foi pesquisa voltada para os mais velhos, para os grupos ágrafos, pessoas analfabetas, mas o contexto agora é outro. Agora, a mentalidade acadêmica está em processo de mudança. A memória é reconhecida pelo seu papel social e como antídoto contra o esquecimento, que impede as transformações sociais e pessoais mais profundas e as inovações.
- 62 Este estudo procurou evidenciar o papel da memória, que, uma vez recuperada pelas pessoas da instituição, tem potência de preservação e de criação. A ação de narrar para educar, para transformar é uma possibilidade humana desde os tempos imemoriais. Pelos referenciais teóricos levantados é possível dizer que este modelo de investigação permite valorizar os membros da instituição, vez que, sua narrativa é tomada como referência para análise ou intervenção. Na cultura do esquecimento, da globalização que homogeneiza, a narrativa de si o faz o singular. Voltar a atenção ao indivíduo, valorizando sua história, memória e subjetividade, pode fazer toda diferença.

---

## BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de (2006). "Amnésia de identidades, o cinema brasileiro e as narrativas de povo". Resumo In: Anais do IV Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica: tempos, narrativas e ficções, v.2. Salvador: EDUNEB, 2006, p. 110.
- BAKHTIN, Mikhail M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (2002). *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 5ª ed.

- BENJAMIN, Walter (1985). “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. (Obras escolhidas, v. 1). São Paulo: Brasiliense, pp. 197-221.
- BENJAMIN, Walter (2007). *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- BERGSON, Henri (1990). *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOLÍVAR, Antônio (2012). “Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos”. In: ABRAHÃO, Maria Helena M. B.; PASSEGGI, Maria da Conceição *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB. t. II, pp.79-109.
- BORGES, Jorge Luis (1944). *Funes, o memorioso*. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABcesAB/funes-memorioso-jorge-luis-borges>>. Acesso em: 28 out. 2016.
- BURNHAM, Teresinha Fróes; SOUZA, Maria Carolina de (2011). “Produção e compartilhamento do conhecimento em cursos a distância”. In: GALEFFI, Dante Augusto et al. (org.) *Epistemologia, construção e difusão do conhecimento: perspectiva em ação*. Salvador: EDUNEB. pp. 249-277.
- CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição (2013). *Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil*. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs.) *Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação*. Curitiba: CRV, pp. 29-47.
- CAVALCANTI, Maria das Graças; PEREIRA, Wani Fernandes (2006). *Complexidade e narrativas da tradição: a arte de fazer rir da calunheira Maria lêda de Medeiros, Dadi*. In: *Anais do IV Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica: tempos, narrativas e ficções*, v. 2. Salvador: EDUNEB, Resumo, pp. 133.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas (2012) In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição *Dimensões epistemológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre; EDIPUCRS; Salvador, EDUNEB. t. II, pp. 71-93.
- ECKERT-HOFF, Beatriz Maria (2006). *Nas escrituras do sujeito-professor: confissões de si*. In: *Anais do IV Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica: tempos, narrativas e ficções*, 2. Salvador: EDUNEB, 2006. Resumo, pp. 110-111.
- FOUCAULT, Michel (1985). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- GALEFFI, Dante Augusto (2001). *O ser-sendo da filosofia: uma compreensão poemático-pedagógico para o fazer-aprender filosofia*. Salvador: EDUFBA.
- \_\_\_\_\_ et al. (org.) (2011). *Epistemologia, construção e difusão do conhecimento: perspectiva em ação*. Salvador: EDUNEB.
- HALBWACHS, Maurice (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- LAGE, Ana Lúcia. O conhecimento tácito (2011). In: GALEFFI, Dante Augusto et al. (orgs.) *Epistemologia, construção e difusão do conhecimento: perspectiva em ação*. Salvador: EDUNEB. pp. 301-322.
- KAUFMANN, Jean-Claude (2004). *A invenção de si: uma teoria da identidade*. Lisboa, Instituto Piaget.
- LE GOFF, Jacques (1994). *História e memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo (2015). *História oral na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica. (Práticas docentes).

MARQUES, Maria Inês Corrêa (2010). *UFBA na memória: 1946-2006*. Salvador: EDUFBA.

PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs.) (2013). *Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação*. Curitiba, CRV.

PORTUGAL, Jussara Fraga; SOUZA, Elizeu Clementino de. Geo(bio)grafias: narrativas de professores de escolas rurais. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs.). (2013). *Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação*. Curitiba: CRV. p. 209-230.

SOUZA, Elizeu Clementino de; SOUZA, Inês F. de (orgs.) (2012). *Memória, dimensões socio-históricas e trajetórias de vida*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre; EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB.

## RESUMOS

Tratou-se aqui, da pesquisa (auto)biográfica como recurso teórico-metodológico para a recuperação da memória e história das instituições. Se os documentos podem falar, as pessoas da instituição também. Por meio do método (auto)biográfico se reconstrói a história institucional, dando voz às pessoas. Analisou-se referenciais teóricos para promover, restaurar, constituir a história de uma instituição, pela via da memória e das trajetórias de vida. Objetivou-se promover a difusão do conhecimento (auto)biográfico enquanto inovação para a reconstituição e preservação da memória e história institucional.

In this paper, biographical (self) research is used as a theoretical and methodological approach for the history of institutions. It is assumed that if written documents can speak and be sources for research, the stories of people who give life to an institution are also a legitimate source. Through the (auto) biographical method, it reconstructs the institutional history, giving voice to the people, trying to promote, restore and reconstitute the history of an institution through the life trajectories of those who are part of them and of memory.

En este trabajo se recurre a la investigación (auto)biográfica como un enfoque teórico y metodológico para la recuperación de la memoria y la historia de las instituciones. Se asume que si los documentos escritos pueden hablar y ser fuentes para la investigación, los relatos de la gente que da vida a una institución también son una fuente legítima. A través del método (auto)biográfico se reconstruye la historia institucional, dando voz a las personas, procurando promover, restaurar y reconstituir la historia de una institución a través de las trayectorias de vida de quienes forman parte de ellas y de la memoria.

Ce travail utilise la recherche autobiographique comme une approche théorique et méthodologique qui permet la récupération de la mémoire et de l'histoire des institutions. On assume que si les documents écrits peuvent parler et devenir sources de recherche, les histoires de vie de ceux qui donnent vie à une institution sont également une source légitime. Grâce à la méthode autobiographique on peut reconstituer l'histoire institutionnelle, en donnant la parole aux gens et valoriser la mémoire pour récupérer des aspects habituellement peu considérés dans la recherche traditionnelle des institutions.

## ÍNDICE

**Índice geográfico:** Brasil

**Palavras-chave:** pesquisa (auto)biográfica, história institucional, memória, difusão do conhecimento

**Palabras claves:** investigación (auto)biográfica, historia institucional, memoria, difusión del conocimiento

**Índice cronológico:** 1990-2016

**Keywords:** (auto)biographical research, institutional history, memory, diffusion of knowledge

**Mots-clés:** recherche (auto)biographique, histoire institutionnelle, mémoire, diffusion des connaissances

## AUTOR

**MARIA INÊS CORRÊA MARQUES**

Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação e do Doutorado Multi-institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento.